



PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM
Ou
Ensaaios da condição humana na contemporaneidade

Em dezembro de 1943, Clarice Lispector publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*. A crítica literária à época, marcada sobretudo pelo romance regionalista, foi pega de surpresa diante de uma narrativa nada linear, marcadamente de cunho subjetivo.

A comoção gerada pela obra de estreia de Clarice junto à crítica literária, para o bem e para o mal, não foi sem motivos. A autora traçou neste seu romance um retrato de rara sensibilidade sobre o homem como um ser fragmentado, repleto de desejos e de afetos que lhes escapam continuamente. Não é à toa que Antonio Cândido – sensível e destemido diante da novidade, do novo, e nada preso à rigidez do gênero em vigor à época – afirmou, em referência à Joana, personagem central do romance: "O seu drama é o de Tântalo, sempre pensando tocar o alvo e sentindo-o sempre fugitivo". Se isso pode ser motivo de desespero para Tântalo, de desassossego, para Joana (e Clarice), este seria o único caminho – o de todos nós, aliás – para chegar a acercar-se do "selvagem coração da vida".

Essa coletânea de ensaios, – e termo mais próprio não há – reúne a escuta pessoal e singular de cada colaborador dessa obra única, que comemora, neste ano de 2024, oitenta anos de seu lançamento, e continua gerando mal-estar, em virtude da atemporalidade das questões que retrata. Podemos afirmar, sem susto, que este "mal-estar na contemporaneidade", seja à época de seu lançamento seja hoje, provocado por *Perto do coração selvagem*, e tão bem caracterizado e vivenciado por Joana, é aquele mesmo com o qual nos deparamos ao longo de nossa existência, como seres dentro uma cultura que nos convoca e nos expulsa continuamente, num jogo de contradições e conflitos.

Aos autores presentes nesta coletânea foi solicitado que se ativessem ao sentido preciso de ensaio como "experimentação", procurando sermos o máximo possível fiel ao espírito dessa obra germinal, a sua autora e a sua personagem central. Ou seja, como cada um de nós experimentamos o contato com esta obra e



com tudo aquilo que ela mobiliza *em* nós e *de* nós, e por meio dessa relação, desse corpo a corpo com a obra, podermos dar o testemunho de como, hoje, oitenta anos após sua publicação, somos afetados (“inquietados”, numa referência a Freud e seu ensaio de 1919) pelo mesmo drama experimentado por Joana. Sim, pois há no drama de Joana algo bastante familiar a todos nós. O drama de existir, como disse Benedito Nunes, em constante confronto com o Outro.

Dentro dessa perspectiva, cada autor teve a liberdade total de produzir seu ensaio, do modo que melhor expressasse sua interlocução com a obra de Clarice Lispector, conforme sua transferência com a obra e o seu universo, com a autora, consigo e com a realidade em que está inserido. Com sua condição humana na contemporaneidade.

A todos, uma boa escuta!

Prof. Dr. Ailton Siqueira
Prof. Dr. Dany Al-Behy Kanaan
(Orgs.)